

CAPÍTULO 01

O papel da interdisciplinaridade no cuidado integral à pessoa

The role of interdisciplinarity in comprehensive patient care.

José Antonio da Silva;¹ Gabriela Siqueira Lopes;² Mariana Dias do Espírito Santo;³ Beatriz Savoia Serra;⁴ Alice Gonçalves Mattoso;⁵ Livia Souza Gobbi⁵

¹Universidade Americana - FUUSA
janthonous@uol.com.br

²Estácio de Sá - Presidente Vargas
gabiislopes30@gmail.co

³Estácio de Sá
maryday896@outlook.com

⁴Universidade Municipal de São Caetano
do Sul - USCS
beatrizsavoia.s@gmail.com

⁵Universidade Nilton Lins
mattosoalice@gmail.com

⁶Universidade do Estado do Amazonas
livia_souza@hotmail.com

 <https://doi.org/10.5281/zenodo.17672653>



OPEN  ACCESS

RESUMO

A interdisciplinaridade constitui um eixo estruturante para o cuidado integral em saúde, especialmente em contextos que exigem abordagem ampliada, compreensão social da doença e integração entre diferentes saberes. O presente artigo analisa a relevância dessa articulação no cuidado à pessoa, discutindo suas potencialidades, limites e repercussões na prática clínica e na organização dos serviços. A pesquisa, de natureza qualitativa e caráter bibliográfico, fundamentou-se em autores nacionais que investigam o trabalho em equipe, a integralidade do cuidado e a complexidade dos fenômenos em saúde. Os resultados demonstram que a interdisciplinaridade favorece planos terapêuticos mais contextualizados, promove comunicação entre profissionais, fortalece vínculos e amplia a capacidade resolutiva dos serviços. Ademais, evidencia-se que a consolidação desse modelo depende de processos formativos consistentes, gestão participativa e valorização da subjetividade dos usuários. Conclui-se que a interdisciplinaridade representa um caminho estratégico para a qualificação da atenção e para a promoção de cuidado integral, ético e humanizado.

Palavras-chave: interdisciplinaridade; cuidado integral; saúde; equipes multiprofissionais; integralidade do cuidado.

Abstract

Interdisciplinarity constitutes a structuring axis for comprehensive health care, especially in contexts that demand a broadened approach, a social understanding of illness, and integration between different areas of knowledge. This article analyzes the relevance of this articulation in patient care, discussing its potential, limitations, and repercussions in clinical practice and the organization of services. The research, qualitative and bibliographic in nature, was based on national authors who investigate teamwork, the comprehensiveness of care, and the complexity of health phenomena. The results demonstrate that interdisciplinarity favors more contextualized therapeutic plans, promotes communication between professionals, strengthens bonds, and expands the problem-solving capacity of services. Furthermore, it is evident that the consolidation of this model depends on consistent training processes, participatory management, and the valuing of users' subjectivity. It is concluded that interdisciplinarity represents a strategic path for improving the quality of care and promoting comprehensive, ethical, and humanized care.

Keywords: interdisciplinarity; comprehensive care; health; multidisciplinary teams; comprehensive care.

Introdução

A complexidade dos processos de adoecimento e das necessidades humanas exige que o cuidado em saúde ultrapasse a fragmentação dos saberes e das práticas. Nesse contexto, a interdisciplinaridade emerge como proposta que reconhece a multiplicidade de fatores envolvidos na vida das pessoas, articulando dimensões biológicas, psicológicas, sociais e culturais (Cordeiro; Arco; Carvalho, 2021). Tal perspectiva rompe com modelos centrados exclusivamente na intervenção técnica, reafirmando que a atenção integral depende da cooperação entre profissionais e da construção compartilhada de significados (Hefti; Esperando, 2016). Assim, discutir o papel da interdisciplinaridade no cuidado integral torna-se fundamental para a compreensão da prática clínica e da organização dos serviços contemporâneos.

Ao longo das últimas décadas, diferentes políticas públicas passaram a reforçar a importância da integração entre áreas do conhecimento no campo da saúde, reconhecendo que nenhum profissional dispõe de todos os instrumentos necessários para atender, de forma plena, as demandas dos usuários. A atuação interdisciplinar contribui para a ampliação das possibilidades terapêuticas, uma vez que cada área oferece perspectivas específicas sobre o indivíduo, o território e o contexto social (Belga; Jorge; Silva, 2022). Dessa forma, o trabalho coletivo não se limita à soma de ações, mas se caracteriza pela construção compartilhada de estratégias, pela reflexão conjunta e pelo diálogo entre saberes.

Nesse cenário, torna-se relevante compreender que a interdisciplinaridade não constitui apenas um arranjo técnico, pois trata-se de um modo particular de compreender o cuidado, com implicações éticas e organizacionais (Da Silva, 2017). A colaboração entre profissionais demanda abertura ao diálogo, reconhecimento de limites, escuta qualificada e disponibilidade para reconfigurar práticas estabelecidas (Garcia Jr; Verdi, 2015). Assim, a abordagem interdisciplinar fortalece a autonomia dos usuários e estimula a corresponsabilização das equipes, criando condições para que o cuidado seja mais efetivo e coerente com as necessidades reais das pessoas.

Embora amplamente reconhecida como componente essencial da atenção integral, a interdisciplinaridade enfrenta desafios persistentes. Entre eles destacam-se a formação fragmentada, a sobrecarga dos serviços, a ausência de espaços de discussão coletiva e a prevalência de modelos hierarquizados que dificultam a horizontalidade nas decisões (Barboza, 2024). Nesses contextos, torna-se evidente a necessidade de aprofundar a reflexão sobre as práticas cotidianas e de compreender como a articulação entre saberes pode se consolidar na rotina das equipes, superando barreiras institucionais e culturais (Gomes et al., 2015).

Assim, o presente artigo tem como objetivo analisar o papel da interdisciplinaridade no cuidado integral à pessoa, identificando suas contribuições, limites e possibilidades. A investigação parte de uma revisão de literatura que abrange produções científicas nacionais e internacionais, buscando compreender como os diferentes campos conceituam e operacionalizam essa perspectiva no cotidiano dos serviços de saúde. A partir dessa análise, pretende-se contribuir para o debate sobre a qualificação da atenção e para a valorização de práticas que reconheçam a complexidade da vida humana.

Metodologia

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, desenvolvida com base em revisão narrativa da literatura. Foram selecionadas produções científicas publicadas entre 2015 e 2025, contemplando artigos, livros, Capítulos de livros, dissertações e teses de doutorado que abordam interdisciplinaridade, integralidade, cuidado em saúde e organização do trabalho em equipe.

A busca ocorreu em bases como SciELO, LILACS, PePSIC e Google Scholar, utilizando descritores em português relacionados ao tema. Os critérios de inclusão abrangeram publicações que discutissem a interdisciplinaridade no contexto da atenção em saúde e que apresentassem fundamentação teórica consistente. Trabalhos repetidos, com limitações metodológicas severas ou que não tratassem diretamente do tema foram excluídos.

As informações coletadas foram organizadas e analisadas por meio de leitura exploratória e categorização temática. A análise ocorreu em três eixos: compreensão conceitual da interdisciplinaridade; práticas interdisciplinares na atenção integral; e desafios para a consolidação desse modelo no sistema de saúde. Os resultados foram discutidos em diálogo com autores de referência e com as políticas de saúde vigentes no país.

Resultados E Discussão

A interdisciplinaridade consolidou-se como conceito fundamental no campo da saúde por oferecer sustentação teórica e operacional para a superação de modelos fragmentados de cuidado que historicamente limitaram a compreensão do processo saúde-doença (Pereira; Balestrin, 2025). Em vez de restringir o atendimento a recortes biológicos ou técnicos, essa abordagem propõe a articulação entre diferentes matrizes conceituais, permitindo que a análise das necessidades dos usuários se torne mais profunda, contextualizada e sensível às múltiplas dimensões da vida humana (Barros, 2019). Pesquisas demonstram que, quando saberes distintos dialogam e se complementam, as equipes conseguem elaborar intervenções mais integrais, abrangendo fatores subjetivos, sociais e ambientais que influenciam diretamente as experiências de adoecimento e cuidado.

Segundo Assis (2021) a integralidade, princípio norteador das políticas públicas de saúde, só se efetiva plenamente quando sustentada pela cooperação contínua entre profissionais de diferentes áreas. Para Carvalho (2015) A interdisciplinaridade, nesse sentido, vai além da mera troca de informações pontuais; ela requer a construção coletiva de hipóteses diagnósticas, planos de cuidado e estratégias terapêuticas, orientando a atuação da equipe segundo um projeto comum. Essa construção compartilhada permite que as decisões clínicas se tornem mais precisas, pois incorporam olhares variados sobre o mesmo fenômeno, e fortalece a capacidade de resposta dos serviços frente às demandas complexas, singulares e muitas vezes imprevisíveis que chegam ao cotidiano da assistência (Pozzer, 2017).

De acordo com Almeida (2024) as equipes que adotam uma lógica de trabalho integrado demonstram maior habilidade para compreender a singularidade dos indivíduos, observando não apenas suas condições clínicas, mas também suas trajetórias de vida, redes de apoio, inserção socioterritorial, experiências de vulnerabilidade e múltiplos determinantes sociais que modulam o processo de adoecimento. Essa leitura ampliada favorece intervenções mais adequadas e contextualizadas, possibilitando que o cuidado deixe de ser uma ação exclusivamente técnica para transformar-se em prática sensível, adaptada às necessidades reais de cada pessoa (De Carvalho Pinto et al., 2024). Desse modo, a interdisciplinaridade contribui para a construção de uma atenção mais justa, abrangente e capaz de lidar com o caráter multifacetado da saúde humana.

O trabalho interdisciplinar também potencializa a qualidade da escuta dirigida ao usuário, permitindo que suas demandas sejam compreendidas em profundidade e acolhidas de modo mais sensível e humanizado (De Araujo Duarte et al., 2017). Quando diferentes profissionais unem esforços e compartilham percepções, o usuário passa a ser visto não apenas como portador de um problema pontual, mas como sujeito com história, expectativas, fragilidades e potencialidades (Da Silva et al., 2025). Esse movimento fortalece vínculos, amplia o engajamento nos processos terapêuticos e estimula a corresponsabilização do usuário em relação ao próprio cuidado. Ao mesmo tempo, favorece a construção de relações mais horizontais, nas quais a escuta qualificada se torna eixo central do trabalho em saúde.

A comunicação entre profissionais constitui elemento indispensável para que a interdisciplinaridade se consolide como prática cotidiana e não apenas como diretriz teórica (De Melo Nogueira et al., 2018). Estudos ressaltam que a criação de espaços formais e informais de diálogo como reuniões de equipe, discussões de caso, sessões clínicas e atividades de educação permanente é fundamental para alinhar objetivos, revisar condutas e construir consensos. A ausência desse diálogo sistemático tende a fragmentar o cuidado e dificultar a continuidade das ações, enquanto sua presença fortalece a

confiança entre os membros da equipe e cria condições para que decisões mais equilibradas e fundamentadas sejam tomadas (Lima et al., 2018).

A articulação entre saberes também contribui significativamente para reduzir duplicidades de ações e aprimorar o uso dos recursos disponíveis no serviço (Dourado et al., 2025). Quando os profissionais planejam de forma conjunta, tornam-se capazes de organizar fluxos mais eficientes, evitar exames desnecessários, eliminar intervenções isoladas e desencontradas, além de otimizar o tempo destinado a cada usuário (De Almeida Freire; De Sousa Almeida, 2017). Esse ordenamento racional das práticas favorece tanto a gestão do serviço quanto a qualidade da assistência, refletindo diretamente na satisfação dos usuários e no fortalecimento da capacidade resolutiva da equipe.

A interdisciplinaridade revela-se ferramenta essencial para a identificação e o manejo de situações complexas, como vulnerabilidades sociais, violências, sofrimentos psíquico, dependência química, transtornos mentais e condições crônicas que exigem acompanhamento contínuo (Philippi Jr, 2015). Esses casos, muitas vezes marcados por múltiplos determinantes, dificilmente podem ser compreendidos de maneira isolada ou por meio de intervenções unidimensionais. A presença de profissionais com diferentes formações permite que o fenômeno seja analisado por diversas perspectivas, ampliando a capacidade de intervenção e prevenindo lacunas no cuidado (Santos, 2017).

A participação de diferentes áreas no planejamento terapêutico possibilita que as estratégias de intervenção sejam mais completas e equilibradas, contemplando ações preventivas, assistenciais, educativas, reabilitadoras e comunitárias (Carneiro; Simões; Carneiro, 2019). Essa amplitude evita que o cuidado se restrinja ao tratamento do agravo instalado, permitindo que sejam incorporados componentes de promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida, fundamentais para reduzir recorrências e fortalecer a autonomia dos usuários (Chao et al., 2024). Consequentemente, a equipe ganha robustez e amplia sua capacidade de resposta diante de demandas variadas.

Apesar dos avanços teóricos e das recomendações institucionais que defendem práticas colaborativas, a literatura aponta que a formação dos profissionais ainda é estruturada de maneira fragmentada, com currículos excessivamente compartimentalizados e pouca interação entre cursos da área da saúde (De Araujo Duarte et al., 2017). Essa fragmentação compromete a capacidade de diálogo entre os futuros profissionais e dificulta a compreensão da saúde como fenômeno complexo. Diante desse cenário, torna-se essencial repensar modelos formativos, metodologias de ensino e experiências de estágio, de modo que a interdisciplinaridade seja desenvolvida desde o processo de formação inicial.

A valorização da interdisciplinaridade exige também que as instituições de saúde adotem modelos de gestão comprometidos com a construção de espaços de diálogo, integração e reconhecimento do papel de cada área (Honorato et al., 2025). Sem apoio institucional, práticas colaborativas tendem a se fragilizar, sobretudo em contextos marcados por hierarquias rígidas, escassez de recursos ou sobrecarga de trabalho (De Barros Silva et al., 2024). A gestão participativa, ao contrário, favorece ambientes mais democráticos, onde o trabalho coletivo é estimulado e o compartilhamento de responsabilidades se torna elemento central da organização dos serviços.

A prática interdisciplinar estimula movimentos contínuos de reflexão sobre o trabalho, possibilitando que as equipes analisem criticamente suas condutas, identifiquem limitações, revejam procedimentos e proponham melhorias que qualifiquem a assistência (Goncalves, 2019). Essa postura reflexiva fortalece a capacidade de inovação e favorece a construção de práticas mais sensíveis à realidade do território e às necessidades dos usuários. Além disso, contribui para evitar a reprodução automática de rotinas, incentivando práticas mais conscientes, éticas e fundamentadas (De Souza et al., 2022).

A diversidade de saberes presentes no trabalho interdisciplinar amplia significativamente a compreensão dos determinantes sociais da saúde, permitindo

que intervenções sejam planejadas com base na realidade concreta do território e das relações sociais que atravessam o cotidiano das pessoas (Ellery; Icho, 2019). Aspectos como moradia, renda, trabalho, educação, cultura e condições ambientais passam a ser incorporados aos processos de análise e tomada de decisão, fortalecendo a perspectiva ampliada de saúde e evitando abordagens restritas ao biológico.

A interdisciplinaridade também favorece a autonomia dos profissionais, uma vez que lhes permite contribuir de maneira efetiva com seus conhecimentos específicos sem perder de vista a visão global do cuidado (Spagnol *et al.*, 2023). Nesse processo, cada profissional tem sua área reconhecida, mas ao mesmo tempo se insere em um projeto coletivo, no qual a responsabilidade é compartilhada e os limites de atuação são negociados de forma ética e colaborativa. Essa dinâmica fortalece o sentimento de pertencimento e melhora o clima organizacional.

Conclusão

A interdisciplinaridade constitui eixo estratégico para o cuidado integral à pessoa, permitindo que diferentes áreas do conhecimento dialoguem e construam intervenções mais amplas e coerentes com a complexidade da vida humana. Essa articulação favorece a prática clínica, fortalece vínculos, amplia a resolutividade e promove atenção mais sensível às necessidades dos usuários.

A literatura demonstra que, embora existam avanços, ainda persistem desafios estruturais, como a fragmentação da formação e a falta de espaços institucionais para o diálogo entre profissionais. Superar tais limitações exige investimentos em processos formativos, gestão participativa e reconhecimento da importância do trabalho colaborativo.

Assim, reafirma-se que a interdisciplinaridade não constitui apenas técnica de organização, mas perspectiva ética e política, fundamental para a consolidação de modelos de cuidado centrados na pessoa, na integralidade e na saúde como construção social.

Referências

- ALMEIDA, Kathia Susana. A educação cidadã transversal e interdisciplinar: abordagens de questões de justiça social, igualdade de gênero, diversidade cultural e sustentabilidade climática. *Studies in Multidisciplinary Review*, v. 5, n. 2, p. e11670-e11670, 2024.
- ASSIS, Eliane da Costa. A parceria interfederativa no processo de implementação de políticas públicas nacionais na área de saúde: desafios e perspectivas de uma governança integrada dos entes federados. 2021.
- BARBOZA, Amanda Lanes. Interdisciplinaridade e serviço social: reflexões a partir das vivências no campo de estágio na atenção terciária em saúde. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social)-Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.
- BARROS, José D.'Assunção. Interdisciplinaridade na História e em outros campos do saber. Editora Vozes, 2019.
- BELGA, Stephanie Marques Moura Franco; JORGE, Alzira de Oliveira; SILVA, Kênia Lara. Continuidade do cuidado a partir do hospital: interdisciplinaridade e dispositivos para integralidade na rede de atenção à saúde. *Saúde em Debate*, v. 46, p. 551-570, 2022.
- CARVALHO, Érica Rios de. A judicialização das políticas públicas de saúde: interlocução entre os princípios da integralidade e isonomia. 2015.
- CARNEIRO, Rui; SIMÕES, Catarina; CARNEIRO, António H. Plano Individual e Integrado de Cuidados Como Objetivo da Relação Clínica. *Internal Medicine*, v. 26, n. 2, p. 147-152, 2019.
- CHAO, Bárbara Mendes Paz et al. **Interdisciplinaridade em Saúde**. AYA Editora, 2024.
- CORDEIRO, Raul; ARCO, Helena Reis do; CARVALHO, José Carlos. Trabalho interdisciplinar no cuidado à pessoa idosa, família e/ou cuidador informal. 2021.
- DA SILVA, Maria de Lourdes Nazario et al. COMO PROFISSIONAIS DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR PODEM HUMANIZAR O CUIDADO PALIATIVO EM PACIENTES ONCOLÓGICOS. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 6, n. 1, p. 1-14, 2025.

DA SILVA, Marcus Osório. A interdisciplinaridade como uma possibilidade no processo ensino aprendizagem da educação profissional de nível tecnológico para o mundo do trabalho. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, v. 2, n. 13, p. 13-30, 2017.

DE ARAÚJO DUARTE, Lindecy Pereira et al. Contribuição da escuta qualificada para a integralidade na atenção primária. *Revista Eletrônica Gestão e Saúde*, v. 8, n. 3, p. 414-429, 2017.

DE ALMEIDA FREIRE, Ludmila; DE SOUZA ALMEIDA, Ronaldo. A interdisciplinaridade como integração do conhecimento: superando a fragmentação do saber. *Percurso Acadêmico*, v. 7, n. 14, p. 436-452, 2017.

DE BARROS SILVA, Maria Eduarda Wanderley et al. Gestão integrada de cuidados: desafios e estratégias para equipes multidisciplinares no Sistema Único de Saúde. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, n. 12, p. 636-646, 2024.

DE CARVALHO PINTO, Vitor Nascimento et al. Interdisciplinaridade na saúde e educação pública: promoção do conhecimento à luz da teoria da complexidade. *Caderno Pedagógico*, v. 21, n. 13, p. e11384-e11384, 2024.

DE MELO NOGUEIRA, Sayonara Monique et al. Importância da comunicação na interdisciplinaridade: vivência discente no cotidiano hospitalar. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, v. 16, n. 1, 2018.

DE SOUZA, Mariana Aranha et al. Interdisciplinaridade e práticas pedagógicas: O que dizem os professores. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 35, n. 1, p. 4-25, 2022.

DOURADO, Luciene Batista et al. CONEXÕES DE SABERES: PERSPECTIVAS MULTIDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA. *Aurum Editora*, p. 198-207, 2025.

ELLERY, Ana Ecilda Lima; ICHC, Barreto. Interdisciplinaridade e interprofissionalidade: produções mediadas pelos afetos. **Trabalhar e aprender em conjunto: por uma técnica e ética de equipe na saúde.** Porto Alegre: Rede UNIDA, p. 36-49, 2019.

GARCIA JR, Carlos Alberto Severo; VERDI, Marta Inês Machado. Interdisciplinaridade e complexidade: uma construção em ciências

humanas. *INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar*, v. 12, n. 2, p. 1-17, 2015.

GOMES, Angely Caldas et al. A interdisciplinaridade na formação dos profissionais de saúde no contexto da reabilitação. 2015.

GONÇALVES, Teresinha Maria. O trabalho interdisciplinar em Educação Ambiental: reflexão sobre a prática docente. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 14, n. 3, p. 41-49, 2019.

HEFTI, René; ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. O modelo interdisciplinar de cuidado espiritual—uma abordagem holística de cuidado ao paciente. *Horizonte*, v. 14, n. 41, p. 13-47, 2016.

HONORATO, Pedro Fachine et al. Fortalecimento da gestão da equipe multiprofissional como estratégia fundamental frente aos desafios contemporâneos do Sistema Único de Saúde. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 8, n. 3, p. e79859-e79859, 2025.

LIMA, Valéria Vernaschi et al. Desafios na educação de profissionais de Saúde: uma abordagem interdisciplinar e interprofissional. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, p. 1549-1562, 2018.

PEREIRA, Maria Fernanda; BALESTRIN, Maria Fatima. A contribuição do princípio da integralidade na consolidação do Sistema Único de Saúde. **Ciências da Saúde em Foco Volume 7**, p. 44.

PHILIPPI JR, Arlindo; FERNANDES, Valdir (Ed.). **Práticas da interdisciplinaridade no ensino e pesquisa.** Editora Manole, 2015.

POZZER, Vanessa dos Santos. **A intersetorialidade da política pública de saúde: reflexões necessárias.** 2017. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SANTOS, Cassia Dias. Ciência da Informação e interdisciplinaridade: interconexões com a cultura informacional. 2017.

SPAGNOL, Carla Aparecida et al. Interprofissionalidade e interdisciplinaridade em saúde: reflexões sobre resistências a partir de conceitos da Análise Institucional. **Saúde em Debate**, v. 46, p. 185-195, 2023.